

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABRATÓRIO DE GESTÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE**

**CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE: ABORDAGEM DO FILME
PROMESSAS NOVO DE UM MUNDO**

TIAGO FRANCISCO DA SILVA

**RIO DE JANEIRO
2010**

Tiago Francisco da Silva

**CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE: ABORDAGEM DO FILME
PROMESSAS NOVO DE UM MUNDO**

*Dissertação apresentada ao curso de nível
médio integrado em Gestão nos Serviços de
Saúde a Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio do Rio de Janeiro como requisito para
conclusão do curso.*

Orientador: Paulo Henrique Barbosa de Andrade

**RIO DE JANEIRO
2010**

Tiago Francisco da Silva

**CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE: ABORDAGEM DO FILME
PROMESSAS NOVO DE UM MUNDO**

Dissertação apresentada ao curso de nível médio integrado em Gestão nos Serviços de Saúde a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio do Rio de Janeiro como requisito para conclusão do curso.

Orientador: Paulo Henrique Barbosa de Andrade

Rio de Janeiro, ___ de _____ de _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Valéria Fernandes Carvalho

Prof. Dr. Muza Clara Chaves Velasques

Nota: _____

RESUMO

Esta dissertação realizou um estudo sobre o conflito palestino-israelense a partir de dados coletados no filme “Promessas de um Mundo Novo” juntamente com textos abordam este assunto. Por um longo período a Palestina vem sofrendo transformações no seu território devido aos confrontos entre Israel e os países árabes. Porém os que mais sofreram com as sucessivas vitórias de Israel são os palestinos que viram suas casas e aldeias serem devastadas pelo exército israelense e depois serem extintas para criações de moradias israelenses, além da maior consequência, serem expulsos de suas terras.

A ocupação israelense a partir de 1967 se tornou para os palestinos o maior motivo de revolta, pois além de terem sido expulsos do seu território ancestral, eles também vivem sob as leis militares impostas por Israel, que para esse atua como forma de prevenção para possíveis ataques de homens-bomba ou qualquer outro tipo de manifestação agressiva. Em meio a todo esse conflito o filme “Promessas de um Mundo Novo” foi filmado, buscando depoimentos de pessoas sobre essa realidade suas opiniões sobre determinados assuntos que dizem a respeito da história do conflito e a projeções desses de um futuro melhor para a Palestina. Contudo o que chama mais atenção no filme é o tipo de pessoas que são entrevistadas, essas fazem o diferencial em relação a outros documentários desenvolvidos sobre o conflito. São crianças entre 7 a 12 anos de idade dizem de forma objetiva os seus desejos e suas experiências ao longo de suas vidas.

ABSTRACT

This thesis conducted a study on the Palestinian-Israeli conflict based on data collected in the film "Promises" together with texts deal with this issue. For a long time Palestine is going through its territory due to fighting between Israel and Arab countries. But those who suffered from the successive victories of Israel is the Palestinians who saw their homes and villages are devastated by the Israeli army and then became extinct for creations of Israeli homes, and the biggest consequence, being driven from their lands.

The Israeli occupation since 1967 has become for the Palestinians a major cause for rebellion, as well as having been expelled from their ancestral lands, they also live under military law imposed by Israel, which for the acts in order to prevent possible to attacks by suicide bombers or any other type of aggressive manifestation. Amid all this conflict the film "Promises" was filmed, seeking testimonials from people about this reality your opinions on certain subjects that tell about the history of conflict and the projections of a better future for Palestine. But what draws more attention in the film is the kind of people who are interviewed, they make the difference for other documentaries about the conflict developed. Are children between 7 and 12 years old say objectively their desires and their experiences throughout their lives.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	06
2- OBJETIVOS.....	09
2.1 - OBJETIVO GERAL.....	09
2.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO.....	09
3- JUSTIFICATIVA.....	10
4- HIPÓTESE.....	11
5- DISCUSSÃO DO OBJETO.....	12
5.1 - CAPÍTULO I: ORIGEM DO CONFLITO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	12
5.1.1 - GUERRA DE INDEPENDÊNCIA.....	14
5.1.2 - PÓS 1949.....	16
5.1.3 - GUERRA DOS SEIS DIAS.....	17
5.1.4 - OCUPAÇÃO.....	19
5.1.5 - GUERRA DO YOM KIPPUR.....	20
5.1.6 - INTIFADAS.....	21
5.2 – CAPÍTULO II: PROMESSAS DE UM MUNDO NOVO.....	23
5.2.1 - SENSAÇÃO DE ESTAR NO CONFLITO.....	24
5.2.2 - OPINIÕES SOBRE “OS DONOS DA TERRA”.....	27
5.2.3- POSSIBILIDADE DE “AMIZADE”.....	29
5.2.4- O ENCONTRO.....	30
6- CONCLUSÃO.....	34
7- METODOLOGIA.....	37
8 – CRONOGRAMA.....	38
9 – BIBLIOGRAFIA.....	39

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho pressupõe que os problemas envolvendo palestinos e israelenses precisam de um destaque mais próximo das suas realidades. Muitos livros hoje não mencionam a extrema dificuldade de viver meio a esse conflito e como a relação entre os dois povos é estreita em relação à convivência de ambos em sociedade. Mostra essa terrível realidade é o que está monografia pretende com o auxílio do meio cinematográfico.

A região da Palestina hoje é palco de um grande conflito, milhares pessoas já ouviram sobre essa terrível realidade, contudo poucas delas conhecem a origem desse problema. O mundo globalizado cada vez mais reporta notícias atualizadas sobre algum transtorno na Palestina, porém essas informações passadas através dos jornais e de reportagens recortam muitas vezes, a pura realidade dos acontecimentos, na maioria, mostrando o ponto de vista distorcido daquele de fato. Por isso a busca por fontes fidedignas que mostrem um estudo visando conhecer este lugar e as modificações que vem acontecendo às pessoas durante esse período de turbulência, apresentando a situação desses indivíduos inseridos neste grande problema é fundamental para a compreensão do conflito palestino-israelense.

Mas buscando alternativas de mostrar esse conflito da Palestina além dos livros e artigos através de uma maneira mais próxima das pessoas que convivem com o conflito, está monografia utilizou uma das formas diretas de ter esse contato com esses sujeitos, um documentário, com depoimentos de pessoas sobre a situação atual, os seus desejos e suas opiniões sobre o conflito. O documentário chama-se “Promessas de Mundo Novo” foi lançado em 2001 e gravado em um período sem graves atentados entre palestinos e israelenses, entretanto, apesar de não mostrar cenas de pessoas correndo de um ataque e mostrando taques, isso não diminui a sua importância política para a Palestina e sim apresenta a mesma como um local onde existem pessoas muitos diferentes, porém que querem uma solução.

Contendo então, tanto dados desde a origem do conflito e suas conseqüências durante a passagem dos anos por meio de estudos anteriores, mais a análise do filme que trás o desejo e as preocupações de alguns palestinos e israelenses, esse estudo procurar retirar o melhor das suas duas fontes para compreender o que é viver meio ao conflito, aos combates, e as dificuldades durante este processo para se chegar ao fim do conflito palestino-israelense.

A origem do termo Palestina vem do hebraico “Peléshet” e significa divisor ou invasor, do qual eram chamados os filisteus, um povo do mar mediterrâneo de origem grega, que buscavam colonizar novas terras, sendo uma dessas tentativas de conquista foi à invasão ao Egito em 1194 a.C, porém sem grande sucesso. Com a derrota eles se estabeleceram no que é hoje a faixa de Gaza. Após o confronto com os egípcios, começaram a invadir terras mais ao leste do Egito, e uma dessas terras era Canaã (atual Palestina) onde viviam os israelitas¹. Ansiando por terras e tesouros, os filisteus invadiram Canaã e com a vitória roubaram o artefato mais sagrado dos judeus na época, a Arca da Aliança que, segundo a Bíblia, era onde estavam guardadas as Tabuas da Lei. Para destacar, o gigante Golias que lutou com o Rei Davi, era filisteu.

Anos à frente, com a chegada do Império Romano em Canaã no início do primeiro século, eles decidiram mudar o nome para Palestina para desligarem o vínculo histórico-religioso dos habitantes, o mesmo aconteceu com Jerusalém que começou a se chamar “Aélia Capitolina”. Mas com a queda do Império Romano e com as mudanças posteriores de governos, com o Império Bizantino e brevemente os Persas, em 685 d.C o termo “Palestina” para região ficou definitivo com a conquista árabe-muçulmana após a derrota bizantina que adotaram o nome romano para o local.

Avançando para o século XX, onde o mundo passou por transformações aceleradas no seu ponto de vista político e tecnológico, muitas guerras aconteceram envolvendo grandes potências econômicas e com a ajuda ciência, cada vez mais novos inventos foram surgindo para atender a estas ou não, modificando a nossa maneira de perceber a história e os seus acontecimentos.

Um grande início para essa rápida mudança foi a Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918), onde países se envolveram em um combate para estabelecer novas ordens políticas e econômicas para a época. Por isso muitas fronteiras foram sendo alargadas conforme os acordos eram feitos, formando assim, grandes alianças. A força dessas uniões colaborou para implementação de novos amparados bélicos, como tanques, aviões, metralhadoras, uma serie de equipamentos jamais vistos antes. Porém a tecnologia também atingiu o meio social, com a invenção de televisões, telefones, rádios, em outros inventos que revolucionaram a forma de se comunicar e com o avanço de novas descobertas através da

¹ Definição usada para os descendentes de Isaque, filho de Abraão, assim como Hebreus. Segundo Gottwald (1988) israelita refere-se ao povo na sua história primitiva.

segunda revolução industrial, por exemplo, o petróleo como fonte de energia primordial, chamou a atenção do mundo para o Oriente Médio, onde estão cerca de 60% das reservas de petróleo.

Mas após as modificações na organização políticas dos países após 1918 através da fragmentação de impérios, como o Otomano e o Austro-Húngaro, muitos povos começavam a buscar regiões geográficas para se estabelecerem e construir o seu país, entretanto, isso não acontecia da maneira simples, muitas delas lutaram durante anos para situar em determinados lugares. No Oriente Médio, na colônia inglesa, a Palestina, no início do século XX, um conflito entre os árabes dessa região, os palestinos, e os judeus vindo da Europa começam a causar uma grande desordem e a iniciar uma série de combates para a permanência dos seus respectivos povos na Palestina.

2 - OBJETIVOS

2.1 - OBJETIVO GERAL

Analisar o filme “Promessas de um Mundo Novo” mostrando através do filme a realidade do conflito palestino-israelense e a sua proposta, e se esta vai além daquelas abordadas nos livros.

2.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO

Entender as experiências de vida de um palestino e do seu “oposto”, um israelense. Compreender os seus desejos, seus transtornos e a sua esperança de uma Palestina melhor para estes. E com essa visão passada pelo filme, ter uma perspectiva aprimorada do que é conviver em meio ao conflito.

3- HIPÓTESE

Acredito que a população local sofre com a história da guerra que acontece durante muitas décadas. O tempo em que as duas nações trilharam em busca de um

Estado, mostrou como a região é turbulenta e pesada. Muito já se foi investido para comprar de medicamentos e armas pesadas. Por este motivo creio que a rivalidade entre os dois lados impossibilita fim para o conflito na Palestina, pois ambos trazem o passado para o presente através de vinganças, revoltas populares, ataque militar etc, com isso, ainda ter esperança uma possível solução está cada vez mais distante para palestinos e israelenses.

4- JUSTIFICATIVA

Este projeto se mostra importante, pois aborda um estudo sobre um dos maiores conflitos do nosso século, o palestino-israelense, que durante anos chama a

atenção do mundo para uma solução pacífica, por isso, ter uma perspectiva mais confinante da realidade da Palestina é necessário, pois por muito tempo os meios de comunicação recortam parte da história do conflito. Portanto as buscas por um estudo cada vez mais próximo da realidade daqueles que estão inseridos no conflito e como esse afeta a suas características psicológicas é totalmente necessário para entender o comportamento humano na sua esfera social e política.

5- DISCUSSÃO DO OBJETO

5.1 - CAPÍTULO I: ORIGEM DO CONFLITO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Ao final do século XIX, os judeus iniciaram o movimento de retorno em massa para a Palestina – o sionismo – com o fim de estabelecer uma nação judaica, onde mostrasse ao mundo e a eles mesmos, à glória e o poder israelense de tempos passados, sob a forma de um Estado judeu. Durante séculos, os judeus estavam dispersos pelo mundo, mais precisamente pela Europa, por causa das diásporas ²em 586 a.C pela invasão babilônica e a outra em 70 d.C com a destruição de Jerusalém pelo Império Romano, devido a uma rebelião local. Muitos intelectuais judeus abraçaram este movimento e buscavam idéias para retornar à Palestina. Seu fundador, Theodor Herzl, judeu húngaro, escreveu em seu livro: “A Palestina é nossa inolvidável pátria histórica. Esse nome por si só seria um toque de reunir poderosamente empolgante para o nosso povo.” (HERZL, 1954, p.67). O termo sionismo vem de Sião, nome de uma colina em que foi construído o templo judaico, no período do Rei Salomão³. No período de duas guerras, a 1ª Guerra Mundial (1914 a 1918) e a 2ª Guerra Mundial (1939 a 1945), o sionismo ganhou maior repercussão no mundo, principalmente pela a última, por causa da perseguição aos judeus e do Holocausto. Por isso o movimento adotou o discurso de um “lar seguro para os judeus”, de um lugar onde essas atrocidades jamais aconteceriam de novo e isso, para os sionistas, só poderia existir através de um Estado.

Contudo antes da vinda de milhares de judeus durante o início do século XX, a população de maioria árabe que morava no lugar, os palestinos, ficaram totalmente surpresos com a vinda e, logo depois, com ameaça de judeus em seus domínios; viram-se desprotegidos com avanço sionista em seus territórios, mesmo sendo maioria na Palestina. Cerca de 85% da região era habitada por palestinos que, antes da imigração judaica, já tinham estabelecido uma economia e uma ligação com o resto do mundo, então o discurso feito na época de que as terras na Palestina estavam despovoadas não procede com aquela realidade, tanto que acabou gerando um grande conflito na região.

Este avanço do movimento sionista começou a causar sérios problemas a população local, pois milhares de pessoas estavam sendo expulsas de seus lares sem nenhuma

² Deslocamento em massa de uma população ou etnia para outras regiões do mundo. Geralmente acontece de forma agressiva, como a expulsão dos territórios de origem e a escravização de um determinado povo para outra região.

³ Segundo a Bíblia, foi o terceiro rei de Israel. Governou entre 960 a 922a.C na Palestina e é considerado pela Bíblia, o homem mais sábio de todos os tempos.

explicação dos judeus. Estes declaravam que aquelas terras foram compradas da Grã-Bretanha, governo que controlava a região naquele no momento. A imigração e o estabelecimento de judeus em territórios palestinos se tornaram o principal motivo do conflito na Palestina. O apoio britânico, com a declaração de Balfour⁴ em 1917, para o estabelecimento judaico, incentivou a permanência dos imigrantes, o que acentuaria o conflito. Entre 1920 a 1945, chegaram cerca de 400 mil judeus, aumentando o número de ocupações sionistas. Em 1947, o massacre a aldeia de Deir Yassin⁵ colocou bem a mostra o que foi sionismo na região que, em nenhum momento atuou de forma pacífica. Cerca de 250 moradores foram brutalmente mortos no massacre. O relato de uma senhora descreve bem o que foi a chegada dos judeus no local:

Eu, minha criança e meu irmão estávamos escondidos nessa casa. Meu irmão passou a noite exausto em nossa companhia. Eles lançaram bombas em nossa casa e meu filho se feriu, quando as coisas se acalmaram os judeus arrombaram a porta e nos expulsaram, começaram a bater muito em mim e meu irmão. Musa, eu dei ao soldado algum dinheiro para ele não matar Musa, ele pegou o dinheiro e disse: “Você é retardada? Eu vou te mostrar o que farei a seu irmão”. O jogaram ao chão e meu irmão caiu assim, então o soldado apontou sua arma para cabeça de Musa e atirou nele 5 vezes. (Operação 101 – a voz da maioria silenciada, Sufyan Omeish e Abdallah Omeish, 2006, 90min., EUA)

No mesmo ano, a Grã Bretanha, que tinha controle da Palestina, cedeu o controle da região para a Organização Nações Unidas (ONU), onde a organização elaborou um plano de divisão terras, seguindo a idéia dos estudos antes feitos pela Inglaterra para solucionar o problema, porém, bem diferente do plano de divisão anterior feito pelos ingleses. No plano da ONU era prevista à criação de um Estado palestino e outro judeu, sendo que Jerusalém ficaria sobre autoridade internacional. Porém esta divisão não foi justa para os palestinos, pois além de serem maioria na região (650 mil pessoas), eles ainda ficaram com a parte menor (43% da Palestina) e com a menos fértil. Segundo o estudo feito e demonstrado no documentário, Operação 101 – a voz da maioria silenciada (2006), “aos árabes seriam dados 43% da terra apesar de representarem mais de 2/3 da população e possuírem 92 % da terra. Aos judeus seria concedido 56% da terra apesar de apenas 1/3 da população e possuir

⁴ Arthur James Balfour (1848 a 1930) foi Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha em 1902, onde estabeleceu boas relações com o governo francês que, futuramente, formaria a base da aliança durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1915 foi titulado Ministro das Relações Exteriores.

⁵ Aldeia situa a cinco quilômetros a oeste de Jerusalém.

menos de 8% da área total”. Além disso, o plano de partilha da ONU moldou a Palestina em dois territórios esquisitos, ficando com um formato bem diferente do antigo feito pela Comissão Peel⁶, em 1938.



Source: Palestine Royal Commission Report (Peel) July 1937, London: HMSO
Palestinian Academic Society for the Study of International Affairs (PASSIA)

Plano de partilha da comissão Peel (1938)



Plano de partilha da ONU (1947)

5.2.1 - GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

Depois de vários conflitos com os palestinos, Em 14 de maio de 1948, os israelenses declaram independência⁷, nisso já havia milhares de palestinos refugiados por toda a Palestina, sem o menor poder de reação, como aponta o historiador, Rashid Khalidi, da Universidade de Columbia: “... Como resultado talvez 300.000 palestinos foi expulso antes do primeiro soldado árabe entrar na palestina”. Contudo, um dia depois desta data, a comunidade árabe respondeu de imediato, Israel foi invadido por tropas libanesas, sírias, egípcias entre outros países formados pela Liga Árabe⁸. Com isso Jerusalém (Cidade Velha

⁶ Também conhecida como Comissão Real Palestina, este grupo liderado por Lord Peel (1867 a 1937) foi formado para investigar os problemas que aconteciam na Palestina.

⁷ “... baseados nos direitos históricos do Povo Judeu e da jurisprudência das Nações Unidas, proclamamos por este instrumento, solenemente, o estabelecimento do Estado Judeu na Palestina, sob o nome de ESTADO DE ISRAEL - MEDINAT ISRAEL !” Palavras ditas por Ben Gurion, líder israelense, no museu em Tel Aviv.

⁸ Formada em 1945 pelos países: Jordânia, Síria, Líbano, Iêmen, Iraque, Arábia Saudita e Egito.

e seu bairro judeu) foi à assediada e capturada por jordanianos. Embora parecesse que o objetivo principal da Liga Árabe era o auxílio e proteção dos palestinos, alguns países só ajudaram por causa de interesses próprios. Segundo Yasbek (1999) a Síria, o Egito, o Iraque e a antiga Transjordânia tinham pretensões territoriais; a Síria e o Líbano tiveram seus interesses prejudicados, pois eram os países que mais lucravam com o mercado palestino, já que, possuíam uma incipiente burguesia industrial e comercial.

Logo após a invasão da Liga Árabe, a ONU atuou de forma rápida e conseguiu um cessar-fogo de um mês, tempo bem aproveitado pelos judeus que conseguiram com uma série de importações bélicas de outros países e da própria comunidade judaica internacional reforçar os poderes armamentistas de Israel, que fez com que, ao final do conflito com os árabes em 1949, vencesse a guerra. Com a derrota, milhares de palestinos largaram todos os seus bens para sobreviverem, o relato de uma ex-soldada israelense, Hava Keller, que estava entre as pessoas que conquistaram Acre⁹, diz que “[...] eles não tiveram tempo de pegar os sapatos e os largaram lá. Eles deixaram tudo”. Os palestinos saíram de lá sem nada, ficando totalmente apatriados e, a partir daí, começaram a viver em tendas durante muitos anos.

Após a Guerra de Independência de Israel ou a Grande Catástrofe para os árabes, os palestinos desistiram e queriam um acordo de paz. A ONU fez um estudo da região e viu que Israel aumentou de forma significativa, tinham posse da metade da cidade de Jerusalém, ocupando 78% da Palestina, sendo que, cerca de meio milhão de refugiados na Cisjordânia e Gaza estavam aterrorizados com os atentados.

⁹ Cidade de Israel, situada na região da Galileia, a norte da Baía de Haifa, na costa do Mediterrâneo localizada num promontório próximo do Monte Carmelo.



Com a expulsão de milhares de palestinos de seus territórios, percebemos que o planejamento sionista de um Estado Judeu era desde o início, a não estadia dos palestinos na região e, segundo o relato do historiador israelense, Ilan Pappé, para o documentário Operação 101 – a voz da maioria silenciada (2006), “descobrimos que havia uma sistemática expulsão de palestinos...havia uma operação de limpeza étnica se instaurando.” O que reforça a ocupação israelenses durante os anos a frente. Esta guerra de independência de Israel foi à primeira guerra envolvendo os países árabes, deixando claro que, os conflitos envolvendo os palestinos deram-se ao mesmo tempo com as guerras posteriores envolvendo, por exemplo, o Egito, Síria, Jordânia em outros, mostrando que a instauração do Estado de Israel estava e, ainda afeta, outros países do Oriente Médio.

5.1.2 - PÓS 1949

Cerca de 700 mil judeus chegavam aos portos israelenses após a derrota árabe e a Questão da Palestina¹⁰ começa. Milhares de desabrigados palestinos começaram a pedir ajuda e abrigo as outras nações para a construção de novos lares palestinos, a aglomeração dos refugiados ficou conhecida como *campos ou campos dos refugiados* que, no início era definido com um lugar sem uma rede básica de esgoto, sem energia elétrica e sem nenhum lugar de lazer e comodidade para as famílias palestinas. Hoje em dia, os campos de refugiados são pequenas aldeias. Em 1950 a ONU criou um organismo para ajudar os

¹⁰ Luta pela busca de um território que abrigasse a população palestina.

palestinos durante este tempo (atua até os dias de hoje) refugiados em outras regiões. O Organismo de Ajuda e de Trabalho das Nações Unidas para Refugiados Palestinos (UNRWA) ampara-os com: alimentação e assistência médica, além da educação primária e na criação de empregos. O que fica intrínseco, é que a verdadeira ajuda da ONU seria vetar essa ocupação israelense em terras palestinas ou cumprir o que fora proposto no plano de partilha, a divisão de dois Estados, o que não aconteceria.

Anos à frente, depois do conflito em Suez¹¹ em 1956, foi criada a primeira liderança palestina, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), comandadas por estudantes palestinos que viviam no Cairo e Beirute¹² que estavam inconformados com a posição dos países árabes. “[...] os governos árabes não pareciam ter como prioridade a reconquista da Palestina... quando os palestinos manifestavam essa preocupação, as respostas eram inexpressivas e desestimulantes” (YAZBEK, 1997, p.24). Isso demonstra um certo atraso dos palestinos na organização de uma liderança que, comparado com Israel, é de 16 anos e, ao longo dos anos, soube aproveitar essa vantagem. Nos anos 1948/49 israelenses já haviam se reunido para eleição de um primeiro-ministro e logo depois seu primeiro parlamento, onde, quase 85% dos eleitores votaram. Segundo a reportagem da Folha de São Paulo (07/05/2008), “A fundação de Israel, em 1948 apenas institucionalizou uma comunidade de cerca de 650 mil pessoas já organizada, com instituições, políticas, sociais, e econômicas bem desenvolvidas”.

5.1.3 - GUERRA DOS SEIS DIAS

Ao final da década de 1960, o Oriente Médio sofria com guerras entre os países locais e com a Guerra Fria acontecendo, através do apoio do Estados Unidos e da Antiga União Soviética (ex-URSS), aumentava cada vez mais os poderes armamentistas entre os países árabes e Israel, causando sofrimento à população local, ou seja, as duas

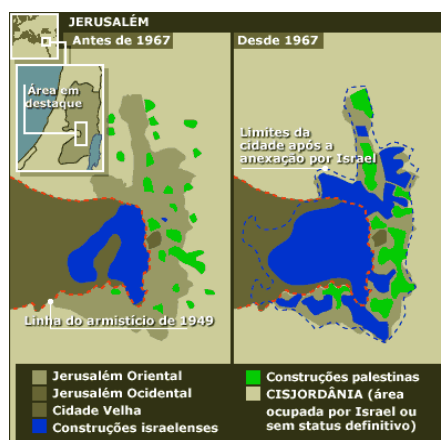
¹¹ Guerra pela nacionalização do Canal de Suez, ligação entre o Mar vermelho e Mediterrâneo, pelo Egito, causando grandes problemas a Israel, pois um dos portos israelenses ali situado, era utilizado para irrigação do deserto de Neguev e era único contado com o Mar Vermelho. Com a nacionalização do Canal, o porto foi fechado pelos egípcios causando problemas na irrigação israelense. Porém ao final da guerra, Israel venceu, retomando o Canal.

¹² Capitais do Egito e do Líbano respectivamente.

superpotências estavam aumentando o poder de destruição com novas armas, tanques, aviões, mísseis etc. Nesse período houve um fortalecimento na unidade árabe e, Israel sentiu o aumento dessa resistência, naquele momento, os israelenses ficaram em dúvida se optavam por atacar ou aguardar o desabrochar dessa aliança entre os árabes. Pois bem, os israelitas optaram por atacar. Sendo assim, o general Moshe Dayan (1915 a 1918) foi chamado para comandar as tropas israelenses. A guerra começou logo pela madrugada do dia 5 de junho de 1967 com um ataque dos israelenses em várias direções. Com o apoio dos EUA, Israel obteve um dos melhores esquadrões da época, com um grande número de aviões alta tecnologia. O ataque despejou milhares de toneladas de explosivos nos aeroportos de seus principais inimigos árabes, Síria, Jordânia, e Egito, ocasionando a paralisação de um contra-ataque aéreo por parte de seus inimigos.

Na base de Abu Suweir, os pilotos egípcios de Mig estavam tomando café quando os jatos israelenses, em alta velocidade explodiram os caças alinhados na pista. O radar de exploração egípcio nem estava funcionando. Alguns disseram que tinha quebrado, outros, que simplesmente não tinha sido ligado naquele dia.(KARNAL, 1994, p.34 apud Donavan)

Pela citação do repórter americano acima, temos a impressão de como foi veloz e eficiente o ataque israelense que, com seis dias de guerra através do ataque de sua esquadrilha, Israel conseguiu o reconhecimento de seus direitos à existência na região. Com isso foram incorporadas ao seu território o Sinai, a Cisjordânia, o setor oriental de Jerusalém, a faixa de Gaza e as colinas de Golan, ou seja, Israel tomou quase toda a Palestina pra si.



A partir daí, intensificou-se a ocupação israelense por toda a Palestina, oprimindo toda a nação palestina, (ressaltando que o conflito palestino acontecia paralelamente com a guerra com os países árabes) com os seus próprios preceitos de dominação e crueldade, impondo a sua vontade até mesmo contra ONU que, no mesmo ano, aprovou uma resolução¹³ que exigia a devolução das terras ocupadas, porém não foi atendida.

Israel, por exemplo, não segue de maneira alguma a lei internacional. A ocupação com um todo é ilegal. É uma violação em particular da 4ª Convenção de Genebra. Segundo as regras não é permitido construir assentamentos, estradas, expropriar terra, deportar pessoas, restringir sua liberdade de movimento, arrasar sua economia, colocá-los na pobreza e no desemprego. (Operação 101 – a voz da maioria silenciada, Sufyan Omeish e Abdallah Omeish, 2006, 90min., EUA)

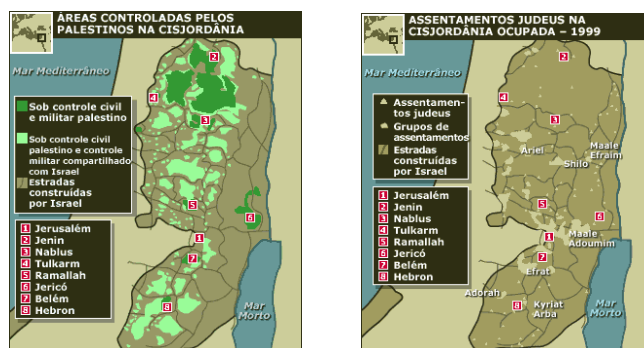
5.1.4 - OCUPAÇÃO

A ocupação israelense em territórios palestinos atua principalmente sob a forma de assentamento, que é uma espécie de vila construída para abrigar israelenses na Cisjordânia e na faixa de Gaza. Essa colonização começou após a Guerra dos Seis Dias com a construção do primeiro assentamento em Kfar Etzion, na região de Hebrom, hoje a cerca de 190 assentamentos só na Cisjordânia. Esses assentamentos são construídos com o pretexto de que os lugares onde os palestinos habitam também pertencem os israelenses, já que toda a Palestina é a “Terra Prometida”. Já para outros estudiosos do conflito, a ocupação israelense é uma forma de minar a expansão dos palestinos, impedindo a união e relação entre eles pelas terras da Palestina, por isso, muitas vilas onde os palestinos habitam são demolidas e no lugar são construídos esses assentamentos, fazendo com que os palestinos procurem outras regiões mais afastadas da Palestina, perdendo a comunicação com outras vilas ou campos.

Assentamentos são colônias estratégicas construídas por Israel, conectados por estradas, separam cada comunidade palestina da próxima e confinam sua condição de expansão. São construídos próximos as melhores terras e recursos hídricos. São cercados por arame farpado, os moradores são equipados pelos militares e são defendidos do lado de fora pelos próprios militares israelenses. (Operação 101 – a voz da maioria silenciada, Sufyan Omeish e Abdallah Omeish, 2006, 90min., EUA)

¹³ Resolução 242 da ONU, “na qual exigia a ‘instauração de paz justa e durável no Oriente Médio’. Propunha também a ‘retirada das forças armadas de Israel dos territórios ocupados durante o recente’ conflito e ‘o respeito e reconhecimento e independência política de cada Estado da região e seu direito de viver paz no interior de fronteiras seguras e reconhecidas, ao abrigo de ameaças e atos de força”.

Além da construção dos assentamentos, a ocupação israelense estava alcançando outros patamares, pois a ocupação não atua somente na forma de construção de lares israelenses em territórios palestinos, está também visa controle total sobre os palestinos impondo leis militares e controle da economia palestina, já que a maioria dos palestinos trabalha em Israel, sendo assim, um controle total sobre as pessoas que vivem em Gaza e na Cisjordânia. Essa ocupação levou muitos anos para chegar a este nível e, atua até os dias de hoje e é, atualmente, o principal motivo de revolta palestina, pois viver sob uma ocupação é viver sem direitos, sem liberdade, com um forte preconceito. Segundo o analista do Oriente Médio, Noam Chomsky, o esquema israelense não é só ocupar as áreas da Palestina, mas também aprisionar os palestinos como se fossem detentos, pois, em 2000, os palestinos conseguiram 95% da Cisjordânia, porém sem nenhum controle. No mesmo ano acima citado começa a segunda Intifada, que foi o período de filmagem do filme “Promessas de um Mundo Novo”.



5.1.5 - GUERRA DO YOM KIPPUR

A resposta árabe após a derrota e a perda das terras aconteceu em 1973. Os árabes estavam dispostos a recuperar os territórios perdidos pela Guerra dos Seis Dias, então, planejaram um ataque surpreendente nas terras de Israel, durante um feriado religioso para os judeus, o Yom Kippur, quer dizer “dia do Perdão”, daí vem o nome da guerra. Pela primeira vez os árabes se mostravam vitoriosos, com um ataque surpresa da Síria e do Egito, eles retomaram de volta a região do Sinai e as Colinas de Golan, porém, Israel com o auxílio dos Estados Unidos, logo furaram a linha de defesa egípcia e isolaram suas

unidades na região do canal de Suez e, ao mesmo tempo os israelenses expulsavam os sírios das colinas de Golan. Com a vantagem recuperada Israel estava pronto para eliminar com seus inimigos, porém, a intervenção das superpotências da época, EUA e ex-URSS tomavam as decisões para o rumo da guerra. A política ambígua no momento, por parte dos Estados Unidos, que apoiava Israel, mas por motivos políticos em relação ao petróleo e para manter uma diplomacia com os árabes, não permitiram que o Egito e a Síria sofressem uma derrota desastrosa. Já ex-URSS também protestaram contra o avanço israelense. Por fim Israel retomou os territórios perdidos, contudo, teve que ceder a maior parte das terras, a península do Sinai para o Egito. Essa devolução aconteceu de forma gradativa, e ao final, por mediação dos EUA, os dois países firmaram um acordo de paz em Camp David¹⁴, sendo o Egito, o primeiro país árabe a reconhecer Israel como um Estado, o que causou revolta e a expulsão da Liga Árabe.

5.1.6 - INTIFADAS

A primeira Intifada ¹⁵ aconteceu em 1987, onde centenas de jovens palestinos foram às ruas lutar pelos seus direitos e mostrar ao Mundo a realidade do povo palestino, que vive em péssimas condições de habitação e com poucos espaços para educação, lazer, saúde, entre outros direitos humanos. A Intifada foi à resposta desesperada dos palestinos ao aprisionamento e preconceito israelense, que durante anos tem se estabelecido.

Chamada de revolta das pedras, a Intifada foi o movimento de defesa contra Israel, onde milhares de jovens palestinos foram às ruas lutar contra soldados israelenses somente com pedras e paus. A busca pela libertação dos palestinos foi o principal motivo da revolta, pois ao longo dos anos o povo palestino tem sido aterrorizado por Israel, que intervêm e ataca com alto poder bélico nas regiões da Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Até mesmo na Intifada, foram utilizados tanques e fuzis para conter a revolta palestina, isso que mostra que Israel estava enfrentando os palestinos como se fossem iguais, mas na verdade a resposta a esse tamanho poder era somente com pedras e paus. Israel faz com que milhares de palestinos continuem vivendo como refugiados em seu próprio território, os campos de

¹⁴ Base militar e residência para o presidente dos Estados Unidos entre outros líderes políticos. Localizado no Catocim Mountain Park no condado de Frederick, Maryland.

¹⁵ A palavra de origem árabe que significa “levantamento”. Representa fim da espera por uma solução, através da política e sua burocracia.

refugiados onde a maioria vive, são lugares com péssimas condições de habitação, além da vigilância israelense a todo o momento. A primeira durou até 1991, cerca de 1.500 palestinos e 400 israelenses foram mortos.

Neste mesmo ano cerca de 700 mil judeus chegaram da antiga União Soviética a Israel, aumentando os números de assentamentos – ocupações israelenses em territórios palestinos, onde vivem centenas de judeus - na região da Cisjordânia. Nos anos 90 começou uma série de reuniões e acordos entre os palestinos e israelenses para tentar uma forma de solucionar o conflito na Palestina. Em 1993, o líder da OLP, Yasser Arafat e o primeiro-ministro Yitzhak Rabin firmaram o *Acordo de Paz de Oslo*, onde Israel se comprometia em tirar grande parte dos exércitos, tanto da Cisjordânia quanto da Faixa de Gaza, para uma possível implementação de um governo palestino, porém com autonomia limitada. A OLP foi substituída pela Autoridade Palestina e, segundo Olic e Canepa (2003), uma espécie de pré-governo, passo inicial, quase “milimétrico”, cujo objetivo seria de, no futuro, chegar-se a um Estado palestino “completo”. As negociações continuaram e, em 1994, foi assinado Oslo I, o acordo final entre as nações, onde foi dada autonomia aos palestinos em Gaza e Jericó. Contudo a autonomia somente para o controle civil e na segurança interna, pois Israel continuava no controle territorial para “assegurar” a defesa e as relações exteriores. Muitas negociações foram feitas e muitas soluções propostas, mas ao longo dessas assinaturas de documentos de paz, como Oslo I, ficou somente no papel. Israel em nenhum momento deixou de impor a sua soberania, pouco do que foi escrito aconteceu de fato.

Entre 1993 e 2000 foi assinada uma dezena de acordos, mas só uma pequena percentagem das disposições inscritas nos textos foi aplicada: os presos políticos palestinianos não foram todos libertados, o porto de Gaza não foi construído, a “passagem segura” para a Cisjordânia e Gaza não foi semiaberta com cinco anos de atraso em relação ao calendário previsto, etc. (GRESH, p.50)

Dando continuidade a imposição, um novo acordo foi assinado em 1995 – Oslo II – do qual instituiu a divisão da Cisjordânia em três zonas complexas, onde Israel limitou o controle palestino. A *Zona A* (4% do território) compreendia as grandes cidades, como Jericó, Belém e Hebrom, nelas os palestinos tinham controle total deste território, a *Zona B* (23%) que era a maioria das aldeias palestinas ficou sob o controle da Autoridade Palestina, com Israel responsável pela segurança e a *Zona C* (73%) totalmente ocupada, pois faziam parte

junto a esta os assentamentos e as vilas judaicas. Com a liberdade reduzida, o não cumprimento da maioria dos acordos e a demora do Estado palestino levaram novamente os jovens às ruas com a segunda Intifada. Porém a cena que marcou a segunda revolta das pedras foi à visita do líder do Likud (partido israelense de direita liberal), Ariel Sharon em 2000, na Esplanada das Mesquitas árabes rodeados de segurança buscando reafirmar a soberania israelense. A visita foi vista como afronta provocando milhares de palestinos, que foram as ruas protestar a afronta, marcando o início da segunda Intifada. Mais aterrorizador e marcado por cenas brutais, a segunda revolta matou cerca de 2.500 palestinos e 800 israelenses. Algumas cenas ficaram marcadas como, a morte de uma criança próxima ao pai e diante da câmera de TV e o espancamento de dois soldados israelenses em Ramallah¹⁶ (Cisjordânia). A chance de uma nova proposta de paz foi minada e o lar palestino cada vez mais distante.

5.2 - CAPÍTULO II: PROMESSAS DE UM MUNDO NOVO

Obter dados sobre o início do conflito e a sua continuidade ao longo do tempo não foram o bastante para ter uma visão mais apurada do que está acontecendo de fato sobre a vida daquelas pessoas inseridas diretamente no conflito. É Preciso ainda mais uma forma de analisar, um meio mais próximo do que está acontecendo na Palestina e se por esse ângulo é possível colher informações além daquelas que estão em obras literárias sobre o assunto. Por este motivo o documentário “Promessas de um Mundo Novo” foi selecionado para clarear o assunto para que este, não seja visto de uma maneira distante da sua realidade. Portanto à visão do filme nos mostra novas perspectivas sobre o conflito palestino-israelense, pois irá mostrar as realidades tanto de judeus como muçulmanos, de israelenses e de refugiados na Cisjordânia, porém com certa “inocência”.

“Promessas de um Mundo Novo” é documentário que da voz a uma parte da população da Palestina que jamais foi ouvida antes, quer seja israelense, quer seja palestino. Um pequeno grupo de crianças fala sobre as suas dificuldades de conviver em meio ao conflito entre palestinos e israelenses e as barreiras que separam as duas nações e como estas impede deste a sua meninice o convívio entre eles. O período de filmagem (1997 até o

¹⁶ Situa em uma região montanhosa da Palestina, Ramallah significa “Casa de Deus” e está a 16 quilômetros de distância de Jerusalém.

verão de 2000) é durante o processo de paz, onde líderes israelenses e palestinos procuram idéias para acabar com o conflito, porém a maioria dos acordos feitos favorecia Israel e somente amenizava a revolta palestina, com pequenas devoluções de terras. O fim da ocupação militar e dos assentamentos não aconteceu e, em conseqüência, germinou na segunda Intifada, meses depois das últimas filmagens.

O filme pode ser dividido em quatro partes principais que, não necessariamente acontece uma a após a outra, mas podem ser percebidas nessas divisões, são elas: sensação de estar no conflito, opiniões sobre “os donos da terra”, possibilidade de “amizade” e “o encontro”. São entrevistadas sete crianças, com perspectivas diferentes sobre: guerra, religião, ocupação, liberdade etc. Por esta razão Promessas de um Mundo Novo é um filme tão inovador.

No início do documentário o produtor/entrevistador B.Z. Golberg faz uma breve introdução do o objetivo do documentário. Primeiramente ele afirma ter passado uma infância “normal” na Palestina, porém, para nós que, não estamos inseridos daquele contexto, essa escala mediana se torna difícil e problemática, pois ele mesmo diz que o normal “no Oriente Médio é conviver em meio às guerras”. Isso tudo para fazer referência à idéia principal do filme, que é a opinião das crianças sobre o conflito na Palestina, por isso, logo depois, ele apresenta essa questão. Para reforçar isso, imagens variadas de meninos e meninas aparecem no início. A diversidade de opiniões é central para entendermos o conflito, portanto, o se espera das cenas seguintes são várias argumentações e diferentes pontos de vista. São entrevistadas sete crianças que vivem em mundos diferentes, mas o intrínseco é que elas vivem em lugares muito próximos, há vinte minutos um das outras, contudo as experiências são bem diferentes entre as crianças; os relatos variados instigam o público para saber sobre este assunto tão polêmico.

5.2.1 - SENSACÃO DE ESTAR NO CONFLITO

A maioria das crianças entrevistadas se sente ameaçada com conflito, o medo da morte ou de um ataque tanto árabe, quando judeu é, obviamente, atormentador para eles. Yarko e Daniel são dois irmãos gêmeos israelenses que vivem na parte ocidental de Jerusalém, setor controlado por Israel. Eles, logo no início do filme, falam sobre os

atentados a linhas de ônibus, principalmente sobre a “linha 18” em que acontecem várias explosões. Muitas pessoas preferem mudar de ônibus para se prevenir dos ataques, porém mudar de linha para eles não parece seguro, pois todos correm o risco de serem mortos em qualquer lugar. Essa primeira percepção dos meninos, já nos mostra com é difícil para eles irem a algum lugar sem ter um pouco de receio durante a ida e volta de ônibus e, pelo percurso eles ficam observando a qualquer pessoa suspeita que possa cometer algo, como explosões ou seqüestros, portanto esse medo de ser morto por um homem-bomba é presente constantemente. Contudo, as situações são diferentes para cada criança, pois essa preocupação já não é tão presente Shlomo, uma outra criança israelense, nascido na Cidade Antiga¹⁷, lugar onde vivi. Para ele, como este bairro judeu é considerado sagrado para os árabes e judeus, supõe então estar em um lugar seguro, sem riscos de mortes, pois nenhum extremista religioso envolvido com os atentados na Palestina ousaria em destruir a “Cidade Sagrada”.

Nos derredores de Jerusalém vivem crianças palestinas em campos de refugiados onde o conflito é mais presente, esses locais são lugares aonde israelenses não vão, como medo de serem mortos. Sanabel é uma das meninas descendente dos refugiados de 1948, e como a maioria destes, vive em campos de refugiados. Ela aponta algumas dificuldades das famílias palestinas daquele lugar, por exemplo, a falta de espaço e moveis para algumas famílias. O pai da menina é líder local da **Frente Popular pela Libertação da Palestina** e foi preso há dois anos em Israel, porém não foi indiciado nem teve um julgamento até aquele momento. Problemas como estes normais na Palestina, pois qualquer um que se opõe a Israel é preso ou morto. A infância difícil é algo normal na Palestina e com Sanabel não é diferente. Viver como refugiado, a ausência dos pais ou a morte de parentes, isso é o que une o povo palestino a um só sentimento: de revolta, da luta contra a ocupação. Para Faraj, outra criança que vive no campo de Dheishe, este sentimento culminou na Intifada, onde ele e outros meninos lutaram contra a ocupação militar. Muitos desses meninos morreram, inclusive seu amigo Bassam, o que gerou a ele mais ódio contra Israel. Não é normal que crianças demonstrem agressividade, vingança, morte de pessoas, medo da morte, entre outras experiências negativas como essas, porém na Palestina isso se mostra ao contrário,

¹⁷ Bairro onde se encontra a Mesquita de Al Aqsa, lugar onde aconteceu, segundo a tradição mulçumana, a ascensão de Maomé. Também está o Muro das Lamentações, o local mais sagrado para o Judaísmo. Este muro é o vestígio do antigo templo judeu, lugar onde eram feitas orações, cultos, e sacrifícios a Deus.

como o próprio Farj diz depois da morte do amigo, “eu queria cortar aquele soldado ao meio, explodir ou dar um tiro nele para vingar a morte de Bassam”. Todas essas características condenáveis pela nossa sociedade, na Palestina, elas são inevitáveis, pois durante décadas pessoas vivem ou viveram em meio a tiroteios freqüentes, a explosões contínuas e a perdas de pessoas, então é aceitável todas essas reações e sentimentos meio a situação em que eles vivem, são mais de 60 anos sofrendo pelos ataques de ambos os lados! Portanto a carga passada é eclodida no presente, pois toda a construção social anterior, negativa ou positiva, dos palestinos e dos israelenses vai ser retomada na maioria das vezes em forma de revoltas e ataques, por isso todas essas características condenáveis.

Contudo a revolta acontece em ambas às partes, existem israelenses que também perderam parentes e amigos, e que querem aniquilação dos palestinos. Moishe, uma criança que vive a vinte minutos de Jerusalém no assentamento de Beit-El, que também perdeu um amigo, Ephraim, mostra sua preocupação com os palestinos, dizendo que naquele lugar “moram pessoas que lutam contra os árabes. Lutamos porque esta terra é nossa”. Ele faz algumas críticas do lugar onde mora, principalmente, por que o assentamento está próximo uma aldeia árabe e isso pode trazer alguns riscos aos moradores de Beit-El, como uma invasão palestina. Porém isso jamais aconteceria, não sem uma resposta israelense, pois no próprio lugar existe uma imensa guarda militar fazendo a segurança dia e noite. Moishe, aproveitando desse assunto, chega a ser sarcástico, pois durante a entrevista ele está próximo ao um banco tiro, uma espécie de lugar de treinamento militar e, zombando, diz assim: “[...] e se os soldados tiverem mira ruim, azar: capaz de acertarem um árabe!”. Ele também diz que “se pudesse escrever o futuro, todos árabes sumiriam da face da Terra, só os judeus ficariam e o Templo seria reconstruído”.

Como o assunto é muito ríspido, ainda mais com crianças, os produtores adotaram um recurso muito interessante no filme, que foi o de mostrar um pouco do que as crianças fazem para amenizar esse sentimento de estar em ao meio conflito. Então os produtores colocaram algumas cenas dessas crianças fazendo algo cultural, como a dança, ou praticando algum esporte. Para nós que assistimos ao filme, isso é percebido de outra maneira, pois essas cenas mudam um pouco o foco do assunto, tornando assim, o documentário mais agradável. . Geralmente aparece entre as entrevistas, como a da irmã de

Moishe, que conta um pouco sobre o Sabá¹⁸ e o que é feito nesse ritual, na apresentação de dança de Sanabel, na corrida de Faraj, no jogo de vôlei de Yarko e Daniel, entre outros. Isso nos mostra que meio a tantas tragédias ainda é possível ser criança, que eles podem ter momentos alegres, momentos sem sentir medo.

5.2.2 - OPINIÃO SOBRE “OS DONOS DA TERRA”

Como todos os que vivem na Palestina, as crianças também têm suas opiniões sobre questão das terras. As respostas são variadas, algumas baseadas na religião, outras pelo processo histórico da guerra e outras inesperadas. Essa pergunta é fundamental, pois a origem do conflito está contida nela, é impossível responder essa pergunta e não lembrar dos conflitos antigos do início do século XX ou de algum parente antigo que vivenciou o principio do conflito. Todas as pessoas que nascem na Palestina são formadas desde pequena para respondê-la e defendê-la até o fim.

Mahmoud vive em Jerusalém, é árabe e acredita que as terras pertencem a eles. Ele se apega dando a religião quando ao contexto histórico. Ele fala que “[...] o Alcorão ¹⁹diz que Maomé fugiu de Meca para a Mesquita de Al Aqsa em Jerusalém? Então, Jerusalém é nossa. Dos árabes!” Ele também diz: “Não é de Israel. É dos árabes. Essa terra é minha, nasci e fui criado aqui. Você não tem o direito de tomar a terra”. Existi uma cena no filme em que ele é ensinado na escola a responder a mesma pergunta. Então, dando em casa, pois a família é muçulmana, quanto na escola, há um posicionamento sobre essa questão. A defesa desta resposta é uma “forma de posse” das terras que, os palestinos e os israelenses colocam para as gerações posteriores, pois para cada uma das crianças, essa resposta determina o motivo pelo qual eles têm o direito às terras. Portanto durante as repostas posteriores, essa irá se remeter ao direito da posse. Moishé para responder a pergunta ele lê uma parte da Torá²⁰, onde está escrito que Deus prometeu aquela terra a Abraão e sua descendência. O menino diz: “quando um árabe me vê pensa que foi eu que tomei a terra

¹⁸ É o dia de descanso para o judaísmo, pois na Torá, Deus reservou um dia semanal para descanso e adoração. Neste dia existem trinta e nove atividades proibidas segundo a Tamulde, livro onde estão registradas discussões rabínicas que irão tratar sobre a lei e a ética judaica.

¹⁹ Livro sagrado para o Islã, onde estão registradas às revelações feitas por Deus através do profeta Maomé durante o período de vinte e dois anos.

²⁰ Também conhecido como o Pentateuco bíblico, é o livro mais importante para o judaísmo.

dele, eles acham que a terra é deles e nós que é nossa. Sabemos que é nossa!”. Então do ponto de vista dele a terra pertence a Israel. Uma resposta que surpreende é a de Yarko, pois ele não defende um lado, porém acredita que os dois povos podem viver em harmonia. “Eu acho que o nosso país e é deles também. Os extremistas não querem o outro lado morando aqui, isto está errado. Teve uma guerra e a gente ganhou. Agora eu não sei o que fazer”. Também afirma que “numa guerra, os dois lados sofrem. Pode ter um ‘vencedor’, mas e daí? As pessoas morrem nos dois lados. Os dois lados perdem”. Viver na Palestina em união, usufruindo a mesma terra, não é um consenso geral dos habitantes, pois sabemos que ainda existe muito preconceito e medo de ambos os lados, porém este tipo perspectiva já foi ensinado através de Yarko que, ao ver, é a melhor solução para a Palestina. Entretanto Israel constrói um muro para separar cada vez mais os palestinos dos israelenses, postos de fiscalização impedem a entrada de moradores da Cisjordânia em Israel, os árabes são tratados como segunda classe em Jerusalém, parece que essa possibilidade de viverem todos num só Estado está distante. A própria Sanabel diz no filme nunca ter ido a Jerusalém, a avó de Faraj ainda guarda com muita esperança a chave da casa antiga em que foi demolida pelos israelenses e o neto mostra alguns registros antigos da casa e desabafa durante a entrevista: “Tenho provas de que esta terra é nossa, e tenho direito de construir nela! Então vamos ter paz. Não vamos fazer mal para os judeus nem eles para a gente”.

Essa é parte das entrevistas que nos mostra as diferenças de opiniões entre as crianças e, geralmente, são essas mesmas diferenças que irão distanciar os dois povos de terem um futuro de paz na Palestina. Esquecer o passado, as guerras, as mortes é a grande dificuldade dos povos; enquanto recortarem de um palestino matando um israelense e vice-versa nunca poderão chegar ao fim conflito. Os habitantes da Palestina precisam se unir para resolverem o problema, como tentaram antes, porém os dois lados se evitam e não estão dispostos a viverem juntos, é o que trata o próximo tópico.

5.2.3 - POSSIBILIDADE DE “AMIZADE”

A tentativa de integrar as crianças, fazendo com que elas esqueçam, pelos menos por um momento, as diferenças culturais e históricas é o ponto principal da parte final do documentário. Essa tentativa de integração começa com uma pergunta relacionada a possibilidade de ter relações amigáveis com crianças opostas, ou seja, se uma criança palestina poderia ter algum tipo de afeto com uma criança israelense e vice-versa. Logo no início desta parte, Shlomo, filho de um rabino, relata como é “difícil” para as crianças israelenses se relacionarem com as crianças árabes, isso baseado em uma série de experiências vividas por ele como brigas e xingamentos entre os dois lados, torna qualquer tipo de interação dificultosa para ambos. Porém, no filme, ele diz conhecer pais com esse tipo de relacionamento. O entrevistador, de forma clara, querendo mostrar a contradição desse argumento feito pelo menino, começa a filmar uma outra criança árabe que está perto do local da entrevista, e forma curiosa, começa a fazer gestos para a câmera e a provocar Shlomo com “arrotos” e, da mesma maneira, ele respondeu a provocação que, por consequência, provoca risadas e mostra ao que está assistindo ao filme como é simples crianças se relacionarem e brincarem umas com as outras, mesmo sendo diferentes. Essa é uma das poucas partes do documentário, onde mostra que se por um momento, se eles esquecerem o passado e as diferenças entre os habitantes da Palestina, será possível viver em harmonia e respeito entre ambos.

Contudo cada cena é diferente, como as opiniões das crianças, para algumas delas os valores históricos, religiosos e experiências desastrosas afetam muito a possibilidade de “contato com a diferença”. A opinião da criança mulçumana, como Mahmoud é esta: “Eu não gosto de falar com judeus. Eu os conheço bem! São maus. E traiçoeiros. Desde a época do profeta Maomé. Eles traíram em combate e lutaram contra ele”. O apego da religião é muito presente para ambos, mas quando isso se junta com um caso de morte de um amigo ou parente por parte de um palestino ou israelense, se torna irrefutável a possibilidade de ter uma amizade com alguma pessoa oposta, como aconteceu com Moishe e Faraj pela morte de seus amigos Ephraim e Bassam respectivamente. Moishe diz que não conhece nenhum garoto árabe e nem quer conhecer, Faraj responde a pergunta baseada na sua perspectiva de como é a relação entre os dois lados e como o passado se torna o presente, através da vingança, ele diz:

Quando eu vejo um judeu, me dá vontade de jogar uma pedra nele. Ou no carro dele. Eu penso até em matar. Qualquer judeu que olha pra mim vai pensar que eu sou um terrorista. Eles ficam lembrando dos seus pais e tios que foram mortos. Então a gente pensa a mesma coisa. Todo mundo fica pensando nos parentes que foram mortos pelo outro lado. E, aí, queremos matar o outro! (Promessas de um Mundo Novo)

A recusa de conviver com a outra nação é hoje o maior problema na Palestina, pois não podemos negar a presença dos israelenses e dos palestinos na região, nem habitação a esses, porém a falta de integração dos acordos, das idéias e até da comunicação, atendendo os dois lados de forma equável, é a grande barreira para uma possível paz na Palestina. Enquanto as duas partes não aceitarem a existência uma da outra e a convivência com esta, os problemas ainda se perpetuarão pelos anos à frente, pois é impossível viver em sociedade sem que haja separação, ainda mais com um preconceito exacerbado como o da Palestina. Não aceitar um árabe somente pelo fato dele ser árabe e o mesmo para os israelenses é o que o filme tenta romper e mostra mesmo sendo crianças. A última parte do filme passa a idéia de que é possível conviver em paz se ambas as partes permitirem a conviver uma com a outra, respeitando os seus ideais.

5.2.4 - O ENCONTRO

As cenas finais do filme mostram o entusiasmo de algumas crianças para saberem com são as diferenças entre os dois mundos, que apesar de serem tão próximos, são distantes pelos seus medos e pela sociedade por isso esta parte é tão importante para o documentário, pois ela irá quebrar, mesmo que por um momento, as barreiras que são colocadas pelas duas nações. O encontro gerou grande expectativa nos entrevistados, porque algumas dúvidas foram respondidas e preconceitos quebrados. O encontro aconteceu no campo de Dheishe com a visita dos gêmeos Yarko e Daniel.

A proposta do encontro no início, foi bem aceita pelas crianças palestinas, apesar de encontrar resistência pelo menino Faraj, pois, para ele, a opinião de Yarko e Daniel jamais mudaria em relação ao conflito, mesmo que entendessem o ponto de vista palestino, por que sendo eles israelenses, apoiariam o seu país com o passar do tempo. Com certeza Israel forma a sua futura geração para apoiarem o seu ponto de vista, mas os palestinos também atuam da mesma forma com as suas crianças, então o argumento de ceder o seu ponto de

vista para atender ao outro é inaceitável na Palestina por que a construção de uma pessoa, com os seus ideais valores e principalmente suas experiências são muito fortes e com a grande tendência de estarem a favor da nação. Por isso da mesma que para Faraj os gêmeos não mudariam de opinião, o mesmo aconteceria a ele em relação aos dois meninos. Essa é a primeira barreira a ser desfeita para acontecer o encontro, que é a de não convencer um ao outro, mas sim ouvir os argumentos e saber a situação de cada criança no conflito.

Sanabel compreendeu bem isso e disse: “Nenhuma criança palestina tentou explicar a nossa situação para os judeus. Árabes e judeus deviam se encontrar... quero que as crianças se encontrem”. Yarko também entendeu isso quando disse que queria ouvir a opinião de Faraj mesmo que não fosse a mesma, o que retoma a idéia principal do filme, que é da voz a uma parte da sociedade que durante os anos de conflito se manteve calada, porém, o encontro colocou algo mais: os dois lados frente-a-frente sem nenhum constrangimento e com respeito às divergências.

Nesta visita ao campo aconteceu como se fosse à visita de amigos à casa de um outro amigo, sem nenhum tipo de problema e com muita curiosidade de conhecer a rotina um dos outros. Na visita Yarko e Daniel se divertiram aprendendo um pouco da cultura dos palestinos e, como toda criança, brincaram entre si sem nenhum preconceito, mas com igualdade. Ao final do encontro B.Z reuniu todos as crianças para saber como foi o dia delas e como está a visão delas após aqueles momentos de união. Essa pequena reunião mostra muitas verdades para nós que não estamos inseridos no conflito. Yarko e Daniel perceberam o porquê de muitos palestinos apoiarem o Hamas ²¹ e suas atitudes extremistas, pois para estes a facção é uma forma de defesa palestina contra ocupação militar israelense. Mais à frente essa questão sobre as atividades do Hamas e sobre as mortes que Israel ocasionou entram em conflito. Esse tipo de discussão pode passar despercebido nessa parte das entrevistas, mas quando Montassim diz sobre a morte de seu irmão Bassam, essa questão sobre acusar de morte um lado entra em conflito com Yarko e Daniel. Imediatamente um deles responde que em Israel pessoas também foram mortas e que eles também sofrem pelas suas perdas. Então é percebida neste pequeno diálogo a sutileza, mesmo que sem a intenção, de acusar o “opositor” pela morte de palestinos ou israelenses,

²¹ Organização radical palestina que não reconhece Israel como um Estado. Atua em vários meios, como o militar, político através do partido e na assistência filantrópica.

entretanto isso se torna inexpressível para apontar a atitude errônea de um dos lados. por que os dois sofrem mesmo erro: morte de pessoas.

Uma outra reação que este diálogo gera é a dúvida, que no caso é representado por Faraj, quando ele diz estar dividido em relação à amizade de Yarko e Daniel. Essa divisão interna acontecer justamente por causa da divisão étnica entre palestinos e israelenses, pois enquanto houver barreiras que empecem a relação entre os dois lados à desconfiança ainda irá existir tanto no âmbito político, quando no social, por isso os acordos feitos na década de 90 não se consolidaram porque não havia uma solução que integrassem benefícios concretos para os ambos. Israel e o povo palestino não acreditam e não querem a união das nações em um Estado, porém anseiam habitar a mesmo lugar, a Palestina, sem o outro, portanto, o conflito continuará enquanto não se unirem em um só Estado ou dividirem a Palestina em duas partes, como foi proposto antes, mas agora fronteiras claras e que ambas as nações respeitem a essas.

Mostrando que a integração é a melhor opção, a dúvida gerada em Faraj, somente aconteceu depois de passar os momentos juntos com os gêmeos, pois antes deste tinha convicção de não havia conciliação com meninos israelenses. Por isso ele ficou tão preocupado no final por que todo o esforço de unir os dois lados seria em vão, por que aquele momento aconteceu graças ao B.Z e os produtores do filme, ou seja, um momento único. “O que impede a gente de se conhecer é a fiscalização. Os judeus nos evitam, e a gente não pode se visitar quando quiser” diz Ahmed nesta reunião. Percebemos nessas cenas finais que ambos gostariam de conviver juntos, sem diferenças, contudo as circunstâncias do conflito os impedem e distanciam cada vez mais dessa realidade. As cenas do encontro passam à idéia de possibilidade, que os palestinos e os israelenses podem viver juntos se não houver barreiras, postos de fiscalização e preconceito entre eles.

O filme termina com novas entrevistas feitas dois anos após o último encontro. Esse período sem a presença de B.Z Goldberg e os produtores do filme foi importante para saber se as crianças ainda manteriam a comunicação sem a permanência deles como um canal que ligasse os “dois mundos”. Porém esses depoimentos foram além dessa perspectiva de um reencontro anterior; disseram mais sobre as suas preocupações presentes e de um almejado futuro de paz. Todos concordam sobre reuniões entre palestinos e israelenses para tentar chegar a uma solução benéfica para os dois lados, contudo não há confiança entre

eles, o que torna essa esperança de paz muito remota. Mahmoud diz que “a paz é impossível se a gente não se conhecer melhor”. A falta aproximação dos israelenses e palestinos é gerador de todo o problema na Palestina, possivelmente, se não houvesse tanta divisão, postos de fiscalização e muros que impedem o encontro entre eles, à solução desse terrível problema já teria sido alcançado e a paz comum estabelecida.

6- CONCLUSÃO

Trançando o histórico do conflito entre palestinos e israelenses com a análise do filme, percebemos a dificuldade para se alcançar uma solução pacífica entre os dois. Também é muito intrínseco estabelecer quem está “certo” ou “errado” durante este período de tantos acontecimentos e revoltas na Palestina. Assistindo o filme, sabemos que acusar um lado pelo grande número de mortes e responsabilizá-lo de todo o problema na Palestina é o mesmo que continuar com o conflito. A busca desses argumentos para culpar Israel ou os palestinos não melhora a situação e sim piora cada vez mais, da mesma forma que é apresentada no filme: eles moram a vinte minutos de distância um dos outros, porém são totalmente divididos.

Por conta das guerras durante as décadas e de experiências deploráveis, aceitar a convivência com o outro é quase impossível, porém, no filme, os produtores conseguiram, mesmo que por um momento, a interação entre os dois lados: palestinos e israelenses vivendo sem barreiras. Contudo não podemos esquecer que esse momento aconteceu com crianças, e somente quatro deles aceitaram o encontro, talvez, estabelecer isto com mais pessoas, sendo esses também adultos, fosse uma tentativa frustrada, entretanto, o filme consegue sensibilizar a Palestina e Mundo de que existe essa pequena e possível solução para as diferenças. “Promessas de um Mundo Novo” passa de forma simples para o meio político e à sociedade que, essa possibilidade pode ser almejada se ambos aceitarem ceder o passado e as diferenças entre eles. “Se a gente não consegue resolver a coisa conversando, também não vai conseguir com violência” disse Daniel na entrega do Oscar. Por mais que essas atitudes pareçam superficiais, romper pressupostos na Palestina e propor-se a reunir para solucionar essas tais implicações ao invés de acusar e relembrar os acontecimentos passados é a grande solução para os que estão vivendo em meio ao conflito.

A Questão da Palestina é um outro obstáculo precisa ser superado, por mais que os palestinos tenham 90% da Cisjordânia, é preciso conceder o controle total das terras para a Autoridade Palestina (AP) para que assim, suas próprias leis possam ser implementadas e respeitadas pela sua nação. Apesar de Israel ter vencido as guerras durante as décadas e estabelecido sua autoridade na Palestina, ocupação israelense de fato é um erro alarmante que não deveria se perpetuar, mesmo com ataques de homens-bomba e a ônibus pelos

extremistas palestinos, isso não justifica a ocupação, pois de forma muito superior, Israel responde a essas as ofensivas, pois seu amparado militar é muito elevado.

O que conluo sobre a Questão da Palestina após assistir o filme e analisá-lo, é que os palestinos não podem acusar Israel, primeiro por que são considerados seus inimigos e sempre serão subjugados por Israel sobre esta forma, a não ser que os israelenses mudem de atitude em relação à convivência com os palestinos. Segundo, por mais que a ocupação possa prejudicá-los drasticamente, o erro não foi de Israel, pois caso fosse ao contrário, muito possivelmente, os palestinos agiriam da mesma forma, mantendo o controle sobre a Palestina e oprimindo o seu inimigo. Então quem seria o culpado? O principal gerador do conflito não é nem os israelenses nem os palestinos, e sim o representante do mundo, a ONU, pois foi esta organização que permitiu o avanço dos confrontos na Palestina e que atingisse a este nível tão apavorante de revoltas e mortes, se a mesma tivesse grande empenho em solucionar os problemas, é provável que a paz nessa região do Oriente Médio chegasse sem delongas. A ONU por permitir a ocupação é o grande gerador de morte na Palestina, pois se fosse cumprindo o que já era proposto há 60 anos atrás, provavelmente, milhões de pessoas estariam vivas e salvas das guerras vindouras. Um lugar livre para os palestinos é essencial para a paz na Palestina, portanto é preciso atrair atenção cada vez mais da ONU e do mundo para esse problema e acabar com a ocupação militar na Cisjordânia e na Faixa Gaza.

Estabelecer fronteiras entre os dois lados, criando um Estado Palestino é a saída para a liberdade buscada pelos palestinos, acordos feitos durante os anos, como o de Oslo, estão mais suscetíveis a esta demanda. Entretanto após o estudo feito, parece muito complexo a criação deste, pois a ocupação ainda é muito presente, com os assentamentos e os postos de fiscalização. Muitos palestinos desejam retornar para seus lugares de origem, onde habitavam antes de 1947, como a avó de Faraj antes de ser expulsa após a guerra, contudo, atualmente, Israel não diminuiu sua presença em territórios que pertencem à outra nação, isso por si só, já mostra a sua resposta em ceder as terras para o povo palestino, esse esque mal conseguem nem impedir a ocupação, quanto mais retomar para suas antigas habitações. Porém os palestinos durante os anos vêm lutando por esta causa, como nas Intifadas e nas conferencias mundiais.

Talvez o único elo entre os dois lados é a esperança da paz. No filme, todas as crianças nas entrevistas diziam sobre, pelo menos, de um pequeno processo de paz. Porém o que é a paz para israelense ou para um palestino? Os diferentes argumentos no documentário, para uns a paz é deportar os palestinos para outros países, outros é devolver as terras de seus ancestrais. Todavia a verdadeira esperança de paz é a convivência entre os dois lados, como mostrado no final do filme. É inimaginável pensar em uma Palestina sem israelenses ou sem palestinos, enquanto eles ainda não perceberam que os dois lados estão perdendo pessoas e com toda essa situação não é possível chegar ao fim do conflito, ainda é preciso aumentar a relação entre os dois, mostrando que juntos eles podem chegar a uma solução pacífica. A esperança desse momento de forma legítima e não superficial como tem acontecido é a esperança de todos que vivem na Palestina, pois muitos no filme não acreditam que nesse momento possa haver paz, mas todos têm a esperança de que um dia palestinos e israelenses irão resolver as diferenças. Yarko disse em 2004 que “se você perde a esperança... deixa de ter uma causa por que lutar”, essa busca pela paz dura a mais 60 anos, porém palestinos e israelenses ainda acreditam que é possível mudar a Palestina.

7- METODOLOGIA

A metodologia utilizada será por levantamento bibliográfico, ou seja, a pesquisa será por meio da leitura de artigos, livros e periódicos de diversos autores que aborem sobre o tema proposto, além de filmes sobre o assunto.

8- CRONOGRAMA

Mês/Etapa	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F
Levantamento bibliográfico	x	x	x	x	x	x	x			
Elaboração do projeto	x	x								
Apresentação do projeto					x					
Elaboração da monografia			x	x	x	x	x	x	x	
Revisão e redação final										x
Entrega da monografia										x
Defesa da monografia										x

9- BIBLIOGRAFIA

KARNAL, Leandro, *Oriente Médio*, Ed. Scipione, 1994.

YAZBEK, Mustafá, *Palestinos: Em busca da Pátria*, Ed. Ática, 1999.

OLIC, Nelson Bacic, *Oriente Médio e a Questão Palestina*, Ed. Moderna, 2007

GRESH, Alain, Israel, *Palestina: Verdades sobre um Conflito*, Ed Campos das Letras, 2002

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=571>

<http://www.ricardocosta.com/pud/palestina.htm>

http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_15mai1948.htm

<http://www.mfa.gov.il/MFA/Peace%20Process/Guide%20to%20the%20Peace%20Process/The%20Balfour%20Declaration>

<http://www.escolatheodor.com.br/modulos/?Secao=2>

<http://jorgenilson.blogspot.com/2009/01/histria-e-significado-de-palestina-e.html>